

JAZZ

30 MARÇO 2017

CICLO "ISTO É JAZZ?"

COMISSÁRIO: PEDRO COSTA

BALLROGG

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Saxofones, clarinete, field recordings Klaus Ellerhusen Holm **Contrabaixo** Roger Arntzen
Guitarra David Stackenäs

Qui 30 de março
 21h30 · Pequeno Auditório · Duração: 1h · M6

Americana made in Norway

Nos primeiros anos de Ballrogg, o projeto era um duo entre os clarinetes e o saxofone alto de Klaus Ellerhusen Holm e o contrabaixo de Roger Arntzen. A música, essa, fazia uma tangente entre o jazz progressivo e sofisticado de Eric Dolphy e Jimmy Giuffre e a *new music* não-linear, indeterminista, de Morton Feldman. A fórmula não satisfazia, porém, os propósitos dos dois músicos noruegueses e daí o convite a Ivar Grydelan para se formar um trio, que para além de acrescentar as sonoridades particulares da guitarra *pedal steel*, do banjo e da eletrônica, ampliou as coordenadas para a *folk* e o *country & western*. Daí, igualmente, o surgimento de uma outra versão do grupo, com David Stackenäs em vez de Grydeland, a sua guitarra denunciando um emaranhado de raízes na linguagem dos *blues*, os do Delta do Mississippi. É esta que vamos ouvir na Culturgest, mais “limpa” (leia-se: crua), mais acústica e muito provavelmente mais jazzística também.

«Mudar de duo para trio fez toda a diferença», admite Holm. «Quando éramos uma dupla, os nossos papéis podiam muitas vezes tornar-se fixos, dado que a música estava sempre sustentada em composições. Adicionar um terceiro membro deu-nos uma maior liberdade individual e, obviamente, alargou a nossa paleta sonora. O Ivar e o David têm formas de tocar distintas. Nunca sabemos o que o primeiro poderá fazer a seguir. Vai buscar inspiração à música japonesa e isso quer dizer que as coisas podem demorar algum tempo

a instalar-se e a ter desenvolvimento. O David tem uma abordagem muito musical, direta e pluralista, com projetos que vão do jazz à livre-improvisação mais minimalista. É ótimo poder trabalhar com músicos que, como ele, têm a capacidade de tocar nos mais diferentes contextos, sobretudo quando os identificamos logo, pelo facto de terem uma voz tão individualizada», acrescenta.

São tantos os ingredientes que encontramos nos temas reunidos no último álbum dos Ballrogg, *Abaft the Beam*, que parece estarmos perante uma nova expressão musical, e isso apesar de reconhecermos os vocabulários utilizados. «Não sei se estaremos a reinventar alguma coisa. Procuramos a nossa própria forma de apresentar conteúdos musicais bem conhecidos, de certo modo em linha com o que se vai fazendo na Noruega e na Suécia. Há uma longa tradição desta corrente de pensamento na Noruega, e esta recua até ao final da década de 1960. Não temos a mesma ligação com a música dos Estados Unidos que existe na Dinamarca, pelo que vamos experimentando e descobrindo por nós mesmos. Talvez seja uma maneira de juntar diferentes elementos e verificar se a mistura funciona ou não. Às vezes, não. De todo...», explica-se ainda o porta-voz desta banda *sui-generis* e seu principal compositor.

Quando tudo cola e faz sentido, isso acontece «muito frequentemente por acaso», diz um humilde Klaus Ellerhusen Holm. E dá um exemplo: «No nosso novo disco utilizamos um pouco de *drum machine*. Adquiri recentemente uma Roland TR-77 de

1972 porque os sons pré-programados eram fantásticos. Tentámos incluí-la na música dos Ballrogg algumas vezes mas não gostámos dos resultados. Depois, o Ivar importou os *samples* dos sons de bateria num *software* aleatório e ligou o programa, via computador, a pequenas colunas. Deu certo e acabámos por usar isso no CD e levamos esse recurso para os concertos.» Não será, agora, o caso.

As propostas do trio parecem improvisadas, tanto assim que ficamos na dúvida quando surgem passagens que podem indicar o contrário. O esclarecimento: «Temos composições, sim, mas a nossa música é um fórum aberto. Temos um processo muito democrático. Veja-se o caso do Ivar: ele toca apenas 50% do que está escrito e atira-se ao resto com a maior das liberdades. É um bom procedimento.» Algumas partituras dos Ballrogg podem ser mais «vagas» do que outras, mas são claras no tipo de emolduramento pretendido. Não limitam as performances ou a expressão do momento porque seguem um princípio: «Procuramos apagar as linhas de separação entre o que é improvisado e o que é escrito. Em bastantes ocasiões, definimos antecipadamente o território musical em que queremos improvisar, escolhendo à partida mais o que não desejamos fazer do que aquilo que faremos.»

Regra geral, mas não absoluta, equacionam-se elementos da chamada música improvisada com certos aspetos do formato tradicional da canção e investiga-se «a fricção que pode ocorrer como consequência». Por outras palavras: «Vamos à nossa bagagem na

música improvisada e no *free jazz* e aplicamos toda essa experiência e essa formação na *folk*.» Só que nenhuma palavra chega para perceber a amplitude daquilo que são os Ballrogg, um dos projetos mais originais da música criativa deste nosso tempo em que a originalidade já não parece possível. Além de tudo o mais, demonstrando que, a partir de discursos já mais do que estabelecidos, há quem consiga inventar novas soluções.

Em termos idiomáticos, os clássicos rótulos “fusão”, “colagem” ou *world music* não servem para descrever o que se passa num disco ou numa atuação dos Ballrogg. Diz Holm: «Se houver quem ache que esses autocolantes servem, está ok para nós, mas tenho a esperança de que o nosso som seja mais do que a combinação de diversos géneros. A motivação está em tocar música que nos interesse, sem nos importarmos demasiado sobre se se trata de um *crossover* entre *folk* e *jazz*. Não pretendemos fazer um *statement* específico, apenas seguir o que nos manda o instinto e sermos fiéis a nós mesmos. Como ultimamente têm aparecido bastantes grupos de *free jazz* barulhento na Noruega e na Suécia, fazemos questão em percorrer o caminho inverso, com uma abordagem mais camerística.»

A preferência por uma entrega acústica é, no entanto, comum com essa reemergência do *free* segundo o entendimento norte-europeu. «Gostamos da combinação de instrumentos acústicos com eletrónica, mas a nossa música sempre esteve alicerçada sobre essa condição acústica.

Começámos como um duo acústico e fomos gradualmente incorporando outros ingredientes, mas o foco tem estado sempre aí. Tentámos diferentes *setups* no que respeita à amplificação e à incorporação de efeitos, mas nunca nos sentimos confortáveis. Queremos ter a possibilidade de responder mais rapidamente às mudanças da música, sem que nos preocupemos com outros fatores. Incluir mais decididamente a eletrónica poderia ser um processo cansativo e levar muitos anos a dominar. Admiramos os músicos que gerem bem essa prática, mas preferimos o caminho que tomámos. É por isso que gravamos ao primeiro *take*, quase sem edição de som, e ao vivo, como se estivéssemos no palco», argumenta Holm.

Pois é no palco que os vamos ouvir, e sem dúvida que é essa a melhor forma de experienciar o mundo tal como os Ballrogg o ouvem. *Americana made in Norway*, em pleno coração de Lisboa.

Rui Eduardo Paes
Ensaísta, crítico de música,
editor da revista *online jazz.pt*

Klaus Ellerhusen Holm
saxofones, clarinete, field recordings

Um dos saxofonistas / clarinetistas mais incaracterísticos da atual cena nórdica do jazz e da música improvisada, Klaus Ellerhusen Holm lidera os seus próprios grupos KHK (Klaus Holm Kollektif) e Honest John, e integra os Murmur, colaborando ainda com improvisadores de vocação experimental como Axel Dorner, Jim Denley e Ingar Zach, entre outros, e compondo música de câmara.

Roger Arntzen
contrabaixo

Membro do inovador trio de piano In the Country, o contrabaixista Roger Arntzen tem-se feito notar em projetos que colocam o jazz em relação com outras músicas, como a banda de “quase-rock” Chrome Hill ou as suas parcerias com personalidades do peso de Marc Ribot, BJ Cole, Terry Day, John Russell e Sidsel Endresen, entre outros.

David Stackenäs
guitarra

Apontado como o mais importante guitarrista surgido na cena sueca da improvisação, David Stackenäs nasceu no ano de 1974 em Estocolmo e fez os seus estudos na Academia Real de Música. Ainda que também utilize a versão elétrica, o seu principal instrumento é a guitarra de caixa, acústica, tocada com ou sem preparações. Colaborador frequente de Mats Gustafsson, tem os blues do Delta como principal referência.

Fez já parcerias com outros guitarristas de nomeada, como Thurston Moore, Lee Ranaldo, Loren Connors e Jim O'Rourke.

Próximo espetáculo

Tôzai!...

de Emmanuelle Huyhn

© Marc Domage



Dança Sex 7, sáb 8 de abril
Grande Auditório · 21h30 · Dur. 56 min · M12

Em *Tôzai!...*, Emmanuelle Huynh, inspirada numa tradição teatral japonesa que data do século XVII, explora a gestualidade da preparação que antecede o espetáculo, a génese do movimento, essa dança escondida nas dobras da cortina. Os corpos expressam a excitação, a espera que passa do frenesim das danças livres ao controle e à precisão ordenada da tradição.

Próximo espetáculo de música

Mário Laginha Trio

© Márcia Lessa



Jazz Qua 19 de abril
Grande Auditório · 21h30 · Dur. aprox. 1h15 · M12

Um dos maiores pianistas portugueses regressa à Culturgest, acompanhado pelos seus músicos de sempre. Imperdível.

Mais informações em www.culturgest.pt

Conselho de Administração

Presidente

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Delfim Sardo

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

João Belo

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Bruno Pereira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blázquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

José Rui Silva

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino (coord.)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vítor Pinto

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Miguel Caissotti

Lúcia Marques

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD · Rua Arco do

Cego nº50, 1000-300 Lisboa

21 790 51 55 · www.culturgest.pt